

## Confesso que não vivi

**... a vida e a verdade são sempre invenção: é uma questão de preferência inventar verdades que caminham para o novo, para o grande, para a frente, ou as que puxam para baixo e para trás.**

Ler livros como os de Rui Castro (*Chega de saudade*), Joaquim Ferreira dos Santos (*1958: o ano que não devia ter terminado*), Nelson Motta (*Noites cariocas*), e assistir filmes como *Coisa mais linda* e *Vinicius*, que, mais do que documentários, são passaportes para a crónica e o clima de uma época, me dão sempre a sensação de que nasci atrasada; tenho saudade de um tempo que não vivi.

Gostaria de ter aproveitado um pouco desse tempo em que se podia ser contemplativo: a isso se denominava reflexão e não lerdeza; em que, para remediar a tristeza, eram mobilizados os amigos e, se necessário, uma espécie de *farroterapia* para uma operação resgate da fossa, e não um psiquiatra e anti-depressivos; em que crise existencial era sinal de inteligência, sensibilidade, ou mesmo frescura, mas raramente de fraqueza ou incompetência; em que *dor de cotovelo* era afogada no uísque, ou tragicamente ridicularizada até sua extinção, ou triunfava em reconciliações mal sucedidas e transas inesquecíveis, mas tinha licença de existir, desavergonhadamente, entre os sentimentos mais nobres.

Um tempo em que a amizade era remédio, tratamento e cura, coisa pra todo dia, e não raridade, tema de tese sobre modos de sociabilidade. E amigo podia ter defeito, mudar de cidade, fazer besteira; se fosse solidário, se compartilhasse desaforos e silêncios de reconciliação, ou se apenas tivesse bons afetos pra trazer, se fosse, enfim, um bom amigo, na hora H continuava amigo.

Li a afirmação de um escritor, que ambientou seu último romance no Rio dos anos 1920, que esse apego ao passado, essa nostalgia é medo do futuro, reflexo da escassez de perspectivas que experimentamos no mundo contemporâneo. Pode ser. Mas nosso problema é: já que não temos a máquina do tempo, como enfrentaremos esse temor?

Ferreira Goulart, no filme *Vinicius*, nos lembra que a vida e a verdade são sempre invenção: é uma questão de preferência inventar verdades que caminham para o novo, para o grande, para a frente, ou as que puxam para baixo e para trás.

Segundo ele, "Vinicius ajuda a viver?", e ele ajudou o povo brasileiro a viver em anos de depressão, censura e ditadura. Por isso, Chico Buarque, por sua vez, afirma que Vinicius, e tudo o que representa, faz falta, embora talvez não tivesse lugar nos dias de hoje. A exuberância de sua sensibilidade e rebeldia pedia expressão, movimento, uísque e calma. Coisas que ele sempre teve - mesmo à custa de desarrumar algumas vidas à sua volta e sua também.

Mas o filme não fala da nostalgia de uma falta, de algo que não podemos mais ter; fala da saudade de coisas que estão ausentes porque sua presença exige coragem e pulso forte para dar-lhes visibilidade, encontrar suas novas formas de aparecer. Fala da arte, do amor e do humor como afirmação da vida.

Faz realçar as inúmeras vezes em que poderíamos ter contado com a amizade? talvez não com aquele amigo ou aquele parente? mas com a atitude amiga generosamente sugerida por pessoas próximas em algum momento. O que impede esse usufruto é a crença num único modelo de amizade, cujo fantasma ofusca outras formas de solidariedade e cumplicidade.

Não quero contribuir para a invenção de que não temos futuro; prefiro ajudar a inventar esse presente em que muitos de nós somos afetados pelas emoções de um filme, da poesia e de outras vidas que, assim, passam a fazer parte da nossa. Prefiro então dizer: confesso que não vivi...ainda.